

**ENTRE À PARIS DOS TRÓPICOS A À MIAMI BRASILEIRA: AS
IMAGENS DA CIDADE DE MANAUS DURANTE A
ESTAGNAÇÃO ECONÔMICA**

***BETWEEN THE TROPICAL PARIS TO THE BRAZILIAN MIAMI:
IMAGES OF MANAUS DURING THE ECONOMIC STAGNATION***

Pedro Marcos Mansour Andes**

“Nossa geração é a filha pobre do extrativismo do látex [...] Da borracha mesmo só sentimos o cheiro, a sua forte e sensual resina impregnando Manaus [...]”¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo central analisar as imagens que se construíram de Manaus durante o período da chamada “estagnação econômica da região”. Destacando as principais demandas da cidade de Manaus durante o período marcado pela crise econômica, principalmente após o fim da Segunda Guerra Mundial e os anos que antecedem a instalação do Projeto Zona Franca e Distrito Industrial de Manaus. As principais fontes analisadas para construção desse pequeno artigo foram as obras dos memorialistas de Manaus e alguns periódicos que circulavam na cidade no período, onde encontramos várias indicações sobre as características e mazelas da cidade no período que vai de 1945-1967. Dentro desse quadro iremos apresentar as dificuldades enfrentadas pela população de Manaus durante uma fase de crise marcada pela falta de projetos de desenvolvimento reais para região e, principalmente, as dificuldades encontradas pelos trabalhadores urbanos em relação a estrutura urbana da cidade, moradia e lazer e as formas de resistência que os mesmos criaram para viver em uma cidade em crise.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade, Memória; Trabalho.

ABSTRACT

This article aims mainly at analyzing the images that were built in Manaus during the call period "economic stagnation in the region". Highlighting the main demands of the city of Manaus during the period marked by economic crisis, especially after the end of World War II and the years leading up to the installation of the Free Zone Project and the Manaus Industrial District. The main sources analyzed to build this short article were the works of memoir writers of Manaus and some journals that circulated in the city in the period where we find various indications on the characteristics of the city and pains in the period from 1945 to 1967. Within this framework we will present the difficulties faced by the population of Manaus during a crisis period marked by the lack of real development projects for the region and especially the difficulties faced by urban workers over the urban structure of the city, housing and leisure and forms of resistance that have created to live in a city in crisis.

KEYWORDS: City, Memory; Work.

Introdução

*Este artigo é parte componente do Capítulo I que tem por título “A Cidade no Contexto” da dissertação

**Aluno bolsista da CAPES do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, professor de História da rede pública estadual de ensino e pesquisador da Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas. pedromansourandes@gmail.com

¹ MELLO, Thiago de. Manaus: amor e memória. Manaus: Valer, 2004, p. 106.

O objetivo fundamental desse texto é analisar os discursos e as imagens que se construíram de Manaus durante o período da chamada estagnação econômica da região Amazônica. Destacando as principais demandas da cidade durante o período marcado pela crise econômica, principalmente após o fim da Segunda Guerra Mundial e os anos que antecedem a instalação do Projeto Zona Franca e Distrito Industrial de Manaus. Para elaborarmos essa análise utilizamos como fontes norteadoras as obras dos memorialistas da cidade de Manaus, Thiago de Mello (*Manaus – Amor e Memória*), Moacir Andrade (*Manaus: Ruas, fachadas e varandas*) e Jefferson Peres (*Evocação de Manaus: como a vi ou sonhei*), nessas três obras da literatura de memória de Manaus encontramos várias indicações sobre as características e mazelas da cidade no período que compreende os anos de 1945-1967. Outras fontes analisadas foram os jornais que circulavam na cidade durante o referido período, optamos em analisar o Jornal do Comércio, o Jornal da Tarde, o Jornal, o Jornal Acrítica e alguns periódicos menores que circulam em Manaus.

Além de debatermos essas visões construídas sobre Manaus, também iremos destacar as dificuldades enfrentadas pela população de Manaus, principalmente a dos moradores das camadas mais populares, durante uma fase de crise marcada pela falta de projetos de desenvolvimento reais para região e, principalmente, as dificuldades encontradas pelos trabalhadores urbanos em relação a estrutura urbana da cidade, moradia e lazer e as formas de resistência que os mesmos criaram para viver em uma cidade em crise.

As Representações da Manaus da Borracha

O primeiro grande processo de transformações urbanas e arquitetônicas ocorrido na cidade de Manaus ocorreu durante a chamada *Belle Époque*. Período marcado por um grande número de obras públicas que visavam dar ao espaço urbano manauense ares de uma metrópole europeia, com o intuito de atrair para a cidade maior investimentos de capitais estrangeiros, pois era o momento que o látex da Amazônia era o grande fornecedor de borracha para as indústrias de automóvel, calçados e bicicletas.

Dentro deste contexto, as elites econômicas de Manaus tentaram transformar a cidade na Paris dos Trópicos, com a construção de vários de seus monumentos vultosos como o Teatro Amazonas, o Palácio da Justiça, os grandes Casarões, o Mercado Adolfo

Lisboa e Porto Flutuante, construção de Praças e calçamentos das ruas e os serviços públicos como Luz elétrica e do Bonde Elétrico, rede de esgoto e água encanada. À antiga aldeia de casas de palha tinha virada, pelo menos dentro discurso oficial, uma cidade moderna aos olhos da elite local. Para essa elite as transformações eram vistas como representações da Modernidade. Conforme Pinheiro, os habitantes ilustres de Manaus

Gabavam-se das novas edificações e da existência de um estilo de vida refinado e culto enquanto vangloriavam-se principalmente de haver sempre em seu porto um moderno e luxuoso navio que, em linhas regulares para Nova York, Manchester, Hayre ou Liverpool, colocava-os em contato direto com o “novo”, o “moderno”, o “avançado”.²

Esse momento é também marcado por um grande surto migratório, proveniente da necessidade de mão de obra, principalmente para os seringais, embora parcela significativa dessa população tenha ficado na cidade. Conforme nos informam Melo e Moura,

A cidade passou, então, a receber fluxos significativos de migrantes brasileiros (principalmente nordestinos) e estrangeiros que vieram trabalhar e/ou investirem nos serviços de urbanização e de implantação e montagem da infra-estrutura comercial e portuária que viabilizará a sua função de importante centro exportador de borracha que a cidade passará a exercer. É um período de fastígio e opulência. Em 1900, Manaus contava com uma população estimada em cerca de 50 mil habitantes, vinculada basicamente à referida atividade.³

Manaus neste momento, ganhará visibilidade, projetando-se internacionalmente como uma cidade moderna, com sofisticados meios de transporte e comunicação, era a “Paris das selvas”. Segundo a historiadora Edinea Mascarenhas Dias⁴, a cidade de Manaus, sofreu a partir de 1890 seu primeiro grande surto de urbanização, que estava ligado aos investimentos provenientes da acumulação de capital, possibilitados pelo boom da economia da borracha. A extração e importação do látex propiciaram ao Estado uma enorme receita, que foram fundamentais para a realização das transformações urbanas e arquitetônicas na cidade.

² PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1889-1925). Manaus: EDUA, 2003, p. 45.

³ MELO, Mário Lacerda de & MOURA, Hélio A. de. Migrações para Manaus. Recife: Fundação Joaquim Nabuco / Editora Massarigana, 1990, p. 468.

⁴ DIAS, Edinea Mascarenhas. A Ilusão do Fausto (1890-1920). 2ª ed. Manaus: Valer, 2007, p. 27.

Durante este processo de transformação, de acordo com a historiadora Deusa Costa ⁵, em Manaus as pontes de madeira foram substituídas por pontes de ferro ou alvenaria ou se tornaram aterros; as ruas do centro urbano ganharam calçamento de paralelepípedos de granito, madeira e pedra tosca; a iluminação das ruas passou a ser de querosene ou elétrica; os prédios públicos foram construídos aos moldes europeus; o abastecimento de água passou a ser encanado no centro e em bicas nas áreas periféricas; o transporte urbano era feito em bondes elétricos etc.; também na área central da cidade passou a existir um incipiente parque industrial.

A pequena “cidade indígena”⁶ cedia espaço também para a “*Paris dos Trópicos*”, com seu belo Teatro Amazonas, o Palácio da Justiça, a Biblioteca Pública, a Alfândega, a Penitenciária do Estado o Porto Flutuante. Buscou-se aterrar e esconder as heranças dos povos indígenas que existiam em Manaus. Como foi afirmado anteriormente, todas estas transformações foram realizadas com o intuito de atrair investidores estrangeiros para a cidade, e para servir aos anseios da elite local e estrangeira já estabelecida na cidade, que desejavam uma cidade moderna para seus deleites.

Era o período da chamada *Belle Époque* Amazônica, que de acordo com Dias⁷, foi um momento histórico marcado pela efervescência intelectual e cultural e uma busca acelerada da chamada modernidade que influenciou todos os setores da produção humana. Em sua tese de doutorado intitulada “As Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)”, a historiadora Maria Luiza Ugarte Pinheiro nos traz informações sobre esse processo de efervescência intelectual, destacando o surgimento dos periódicos jornalísticos na cidade em um contexto social marcado por forte tradição de oralidade, onde nem a escrita e nem mesmo a língua portuguesa se mostravam como hegemônicas.⁸

De acordo com Dias, a modernidade em Manaus substituiu a madeira pelo ferro, o barro pelo concreto, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes

⁵ COSTA, Deusa. Quando viver ameaça a ordem urbana – Trabalhadores de Manaus (1890-1915). Manaus: Editora Valer/FAPEAM, 2014, p. 43.

⁶ Visão defendida e popularizada por muitos membros da elite econômica e política local. O exemplo desse discurso é a fala atribuída ao então governador do Estado Eduardo Ribeiro “transformei uma aldeia de índios em uma cidade moderna.

⁷ DIAS. op. cit., 2007, p. 29.

⁸ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. As Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC, 2001.

elétricos e pelos automóveis, a iluminação a gás pela luz elétrica, pela expansão da navegação, pelo desenvolvimento da imigração, esmagando a herança indígena.⁹

Todavia, é importante salientar que todas estas transformações visavam atender unicamente aos interesses das classes dominantes da cidade, enquanto a população carente, ou morava em cortiços, em Manaus chamados de estâncias, pagando aluguéis muito caros, ou era expurgada para as áreas periféricas da cidade, onde não recebiam às melhorias da vida moderna. Mesmo assim esses serviços públicos que a modernidade prometia na cidade nem sempre atendiam toda a elite e eram em muitos momentos precários.

Com a crise da economia da gomífera e a falência de aviadores e seringalistas, principalmente a partir de 1915, este quadro mudou completamente. De acordo com Deusa Costa a crise econômica da economia gumífera,

[...] espalhou-se para outros setores da vida urbana, ocasionando desempregos nos vários ramos de serviços, e gerou, como uma das consequências, a inadimplência nos contratos de aluguéis. Parte do inquilinato habitante do centro partiu para os subúrbios; outra parte retornou a sua terra de origem, esvaziando consideravelmente a cidade. Esse êxodo, verificado tanto na capital como no interior do Estado do Amazonas, foi financiado em parte pelo Estado e pelo Município. A crise provocou um movimento demográfico no sentido contrário nos momentos do rush da economia da borracha.¹⁰

Segundo o historiador Caio Prado Júnior¹¹, a crise da economia gomífera brasileira viria como um cataclismo arrasador. A grande riqueza veiculada pela exportação da borracha nos seus tempos áureos transformara completamente a Amazônia. Sua população subira de 337.000 habitantes em 1872, para 476.000 em 1870 e 1.100.000 em 1906. No momento da crise a população de Manaus era de aproximadamente 70.000 habitantes, de Belém era 170.000 e do Acre de 50.000 habitantes. Foram-se os aventureiros e donos de fortunas a procura de novas oportunidades e ficou a população de miseráveis trabalhadores que foram explorados durante os vinte anos de apogeu da economia da borracha, para onde foi essa massa desempregada da cidade de Manaus e do interior do Estado?

⁹DIAS. op. cit.,2007, p. 29.

¹⁰ COSTA, Deusa. Quando viver ameaça a ordem urbana – Trabalhadores de Manaus (1890-1915). Manaus: Editora Valer/FAPEAM, 2014, p. 171.

¹¹PRADO JÚNIOR, Caio. História Econômica do Brasil. 26ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

Conforme Deusa Costa¹², grande parte deste contingente de desempregados, principalmente do interior do Estado, gradativamente a partir de 1920, buscou novas alternativas de sobrevivência na Capital, onde constituiu aos poucos a chamada Cidade Flutuante que ocupava uma área maior que a do porto flutuante. Esta foi a primeira grande favela de Manaus, antes da criação da Zona Franca / Distrito Industrial, que contava com cerca de aproximadamente 1.950 flutuantes e tinha uma população, em média, de 12.000 pessoas. Que viviam de vários ramos da economia informal, principalmente o médio e pequeno comércio na própria cidade flutuante, além das atividades na própria cidade.

Para reafirmar a informação da diversidade das atividades econômicas praticadas pelas camadas populares da cidade de Manaus, o autor André Araújo, nos informa que,

A maioria trabalha como operário, funcionários públicos, comerciários, agricultores. Cada bairro tem sua fisionomia demográfica, sua feição específica, profunda. Cada bairro é um satélite do centro da capital, em relação a fábricas, comércio, religião, alimentação, etc.¹³

Segundo Salazar¹⁴, a cidade flutuante representou uma alternativa barata para o problema de moradia das camadas mais humildes da cidade, que a partir da crise da economia da borracha na década de 1920 foram obrigadas a migrar para cidade. De acordo com o autor, a Cidade Flutuante podia ser definida e caracterizada da seguinte maneira,

Fato curioso, entretanto, é que em Manaus existia uma favela. Por mais paradoxal que possa parecer, já que no início do século, mais precisamente, a partir de 1920, começou a constituir-se o que viria a ser denominada de “Cidade Flutuante”. O núcleo mais antigo e denso de flutuantes e era formado pela cidade flutuante propriamente dita, à entrada do porto de Manaus, com um total aproximadamente de 750 unidades. Existiam também flutuantes desgarrados ou isolados que dispunha de um sistema de ancoramento. A cidade flutuante, o objeto de curiosidade turística, não era o único conjunto de flutuantes em Manaus [...]¹⁵

¹² COSTA, op. cit., 2014, p. 171-172.

¹³ ARAÚJO, André Vidal de. Sociologia de Manaus: aspectos de sua aculturação. Manaus: Edições Fundação Cultural do Amazonas, 1974, Coleção Pindorama, volume 2, p. 90.

¹⁴ SALAZAR, João Pinheiro. O Abrigo dos Deserdados: estudo sobre a remoção dos moradores da Cidade Flutuante e os reflexos da Zona Franca na habitação da população de baixa renda em Manaus. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, 1985.

¹⁵ Idem, ibidem. p. 42-45.

Sobre a totalidade de flutuantes que compunham e a população que habitava na Cidade Flutuante, as suas particularidades do mundo do Trabalho e o perigo da vida noturna dentro daquele espaço de sociabilidade popular, o autor nos informa que,

O total de residências flutuantes existentes em Manaus, era de aproximadamente 1950, estimando-se, a partir daí uma população de aproximadamente 12.000 pessoas, uma média de 6 pessoas por flutuante. A cidade flutuante tinha vida própria, comércio de varejo, mercearias, bares, oficinas de reparos de barcos e motores, vendedores ambulantes, transportes de catraias, grande quantidade de lavadeira, marreteiros, biscateiros e outras formas de subemprego, além da vida noturna intensa e perigosa, repleta de prostitutas e marginais, onde a cena de violência faziam parte do cotidiano.¹⁶

Ao pesquisar o processo de surgimento e desmantelamento da Cidade Flutuante e toda a complexidade, que se formou dentro daquele espaço urbano diferenciado e para aqueles que viveram naquele período um espaço exótico, o historiador Leno José Barata de Souza nos informa que,

[...] tal como a maioria das cidades oficialmente reconhecidas, não nasceu cidade e, também como aquelas, se iniciou de forma muito tímida, não passando de um punhado de moradias de madeira, cobertas de palha, dispersas e habitadas, a maioria das vezes, sazonalmente por uma rarefeita população que, sobretudo depois da derrocada da empresa gomífera a partir de 1920, começou com suas habitações sobre as águas a interagir com a paisagem urbana da capital.

A construção do termo “cidade flutuante” apenas vai ser encontrado depois da Segunda Guerra, quando alguns dos significados que codificam a condição de cidade vão começar a ser experimentados para além dos limites terrestres de Manaus, sobretudo nas formas de adensamento de casas flutuantes, aumento populacional e dinamização comercial que, além de reconfigurarem os espaços urbanos, passam a determinar novas e outras relações de vizinhança, arraigadas a um cotidiano próprio do lugar, com uma estrutura de prestação de serviços, atividades comerciais e culturais ligadas tanto a Manaus em terra, como com o interior do estado, dando formas, finalmente, a uma rede econômica e social muito próxima das encontradas em qualquer outra cidade.¹⁷

A “Cidade Flutuante”¹⁸ se configurou como uma das grandes mazelas deixadas pela crise da economia gomífera para a cidade de Manaus, da sua formação em 1920 ao

¹⁶ Idem, *ibidem*. p. 45

¹⁷ SOUZA, José Leno Barata de. A “Cidade Flutuante” de Manaus: discutindo conceitos. In.: AEDOS - Revista do corpo discente do PPG – História da UFRGS. Num. 6, vol. 3, janeiro-junho de 2010, p. 151-152.

¹⁸ Com a crise da Borracha na década de 1920, o êxodo rural para Manaus aumentou enormemente, dentro desse quadro a maioria das pessoas que vieram para Manaus eram das camadas populares, que por não terem onde morar passaram a construir casas flutuantes feitas de madeira com cobertura de telha de barro, zinco e palha, construídas sobre grandes troncos de árvores em frente a escadaria da Praça dos Remédios. Com a ampliação dessas moradias no local os moradores de Manaus começaram a chamar

seu desmantelamento na década de 1960 se passaram quase meio século, sua destruição marcou o processo final de preparação da cidade para receber o modelo desenvolvimentista da Zona Franca e do Distrito Industrial de Manaus. A retirada desta população foi feita pela força policial com violência, parte dos moradores foi enviada para o bairro da Raiz, porém as unidades habitacionais não atenderam toda a população, que acabou sendo acomodada nos bairros da Vila da Prata e dos Jardins dos Barés. Como afirma a reportagem do Jornal A Crítica de janeiro de 1966, nos informando que

Na tarde de ontem, o comandante da Capitania dos Portos dirigiu pessoalmente os trabalhos de demolição dos últimos flutuantes comerciais e residenciais que ainda existem em Manaus. Esta providência do Comandante foi em função de ordem expedida aos seus proprietários e do prazo que lhes foi dado de abandonarem e demolirem seus flutuantes até 30.12.1965 próximo passado, de acordo com compromisso daquela autoridade para com o governo do Estado [...]. Agora, novas batidas serão levadas a efeito em São Raimundo e nos igarapés da capital.¹⁹

Em matéria publicada no Jornal do Comércio intitulada “*Capitania dos Portos conclui campanha de extinção da Cidade Flutuante: Extinto*”, publicada em janeiro de 1966, também nos informa sobre o extinto no processo de expurgo da população e a destruição da Cidade Flutuante, segundo a reportagem,

Do total de 1.400 flutuantes que existiam em Manaus constituindo a “cidade flutuante” a maior parte e os demais situados nos igarapés, restam agora cerca de 80 a maioria residenciais, 5 garagens para embarcações e uma taberna, segundo ontem informou para o JORNAL DO COMERCIO o capitão de Fragata Mario da Costa Paiva, capitão dos portos que vem de concluir a campanha encetada pelo seu antecessor, o capitão Gilberto Ferraz, com o apoio do governo do Estado. No concerne às moradias entende o capitão Mario Paiva, que é assunto para o governo resolver, porquanto a solução depende da concessão de terras e facilidades outras de primordial importância tal qual a venda de madeira por preços acessíveis. Quanto à serraria, até amanhã deverá estar localizada em terra, ou será rebocada para outra margem do Rio Negro, cabendo o mesmo destino as garagens em favor das quais, porém, e entendendo ser necessário o serviço que prestam, procura interessar os seus proprietários na construção de um galpão em terra firme (tal como ocorre no Sul e em outras grandes cidades brasileiras) dispondo de um sistema para içar as embarcações que queiram alugar as vagas, para abrigos das intempéries.

Permanecerá apenas a fábrica de gelo, dadas as boas condições técnicas obedecidas na sua construção, visto ter sido montada sobre boias estanques e não sobre troncos.²⁰

essa favela de flutuantes de “Cidade Flutuante”, que durante a década de 1960 chegou até 12.000 moradores. Comentário nosso.

¹⁹ OLIVEIRA, José Aldemir de. Manaus – 1920-1967: A cidade doce e dura em excesso. Manaus: Valer, 2003, p.81.

²⁰ Jornal do Comércio, ano LXII, n.º 18.567, Manaus, quinta-feira, 6 de janeiro de 1966, p. 8.

Esse contingente de desempregados, juntamente com os migrantes que vieram do interior e de outros Estados, passaram a compor o exército de mão de obra barata que será utilizada pelo Distrito Industrial.

A Manaus do pós-borracha (1945-1967)

Nessa chamada fase de estagnação econômica²¹ da cidade de Manaus, período que antecede a instalação da Zona Franca e do Distrito Industrial, o discurso sobre a cidade começa a ganhar novas formas. Agora, Manaus passa a ser vista com outro olhar. Sai o discurso da cidade moderna dos tempos áureos da economia gomífera e entra em cena a visão dos deserdados da borracha, que de uma forma ou de outra irá construir e reforçar toda uma representação da chamada *Belle Époque Amazônica*. Visão essa muito reforçada pela historiografia tradicional e pela literatura desse período.

Os memorialistas²² são fontes importantes sobre o período, pois além de terem vivido na cidade durante o período estudado, receberam todo o discurso de modernidade que foi construído sobre Manaus durante a *Belle Époque Amazônica*. Dentro desse quadro não podemos deixar de analisar o conceito de memória, utilizaremos aqui a proposta elaborada e defendida por Pierre Nora²³, que afirma

[...] A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações [...]. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...], a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, a ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções.²⁴

Nesse processo dialético de construção da memória coletiva e social, carregado de lembranças e de esquecimentos, de conflitos e manipulações. Devemos entender a memória como um grande turbilhão de conflitos entre o que lembrar e o que esquecer. Assim sendo, a leitura e a análise das obras dos memorialistas da cidade, se torna uma

²¹ É importante lembrarmos que essa visão sobre a estagnação econômica da cidade e da região foi construída pela historiografia tradicional da região e pelo pensamento social da Amazônia.

²² No início do artigo apresentamos os memorialistas da cidade de Manaus do período analisado, destacando suas obras que serviram como fonte para construção desse texto.

²³ NORA, Pierre. "Entre Memórias e História: A problemática dos lugares". In.: PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo: EDUC, número 10, 1993.

²⁴ Idem, ibidem, p. 9.

fonte fundamental para entendermos as visões que serão elaboradas sobre a Manaus do período da estagnação, pois sabemos que essas memórias individuais estão carregadas de elementos e dos conflitos das lembranças coletivas que os autores da memória da cidade vivenciaram.

Também devemos apontar aqui a análise feita por Michael Pollak²⁵ sobre a problemática de pesquisar o processo construção e utilização das memórias coletivas e o próprio o conceito de memória. Conforme o autor,

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis.²⁶

É dentro desse processo de enquadramento da memória coletiva, que destacamos a importância dos memorialistas da cidade, pois os mesmos fazem parte de todo esse arcabouço que possibilitou a construção da imagem de uma Manaus moderna e que com crise estava em um processo de estagnação econômica, social e cultural.

O escritor e artista plástico Moacir Andrade, membro da elite intelectual da cidade e do Clube da Madrugada²⁷, que a partir da década de 50 do século passado participou ativamente da vida cultural da cidade, ao analisar as contradições do processo de urbanização que o mesmo vivenciou, denuncia toda a destruição das heranças arquitetônicas do período áureo da economia gomífera em Manaus. Andrade, destaca inúmeros aspectos da urbe manauense e lamenta o que está acontecendo na cidade nos anos 1970, um processo de destruição da arquitetura eclética da cidade. Conforme o autor, estavam acabando com a memória arquitetônica da cidade,

Manaus possui algumas características que a tornam uma capital singular, embora submetida permanentemente às depredações violentas e criminosas que infelizmente lhe desfiguram diariamente sua estrutura original, destruindo seus monumentos históricos e artísticos, despindo-a de sua roupagem original de fachada coloridas e sentimentais. Principalmente nessa

²⁵ POLLAK, Michael. "Memórias, esquecimento e silêncio". In.: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: volume 2, n.º 3, 1989, p. 3-15.

²⁶ POLLAK, op. cit., p. 7.

²⁷ O Clube da Madrugada fundado em 22 de novembro de 1954, embaixo de um mulateiro na Praça Heliodoro Balbi, foi um movimento literário que se propôs em revisão toda produção intelectual e cultural de Manaus.

última década, numa verdadeira avalanche iconoclasta, derrubando seus velhos edifícios assobradados de arquitetura do princípio do século, documentos vivos, valiosos e irreversíveis da chamada época áurea da borracha, nem mesmo escapando as magníficas calçadas de mármore de cantaria portuguesa que circundavam, como um verdadeiro mosaico, cinza-róseo e branco, Igreja da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, centenária de bençãos divinas, suas belas praças criminosamente sendo doadas a particulares para nelas serem construídos sórdidos bares e cafês, como é o caso do Café do Pina na Praça da Polícia, e da Trincheira, agora exibindo um monstrengo imundo, como monumento a burrice oficial, ou retalhada em lotes, como foi o caso da Praça Ribeiro Bittencourt, no bairro da Cachoeirinha, onde é hoje o edifício do Der-Am, um cinema e vários prédios residenciais.²⁸

Na fala de Moacir Andrade podemos verificar o processo de urbanização que aconteceu em Manaus a partir da instalação da Zona Franca e do Distrito Industrial. O autor denuncia as opções equivocadas escolhidas, principalmente, pelo poder público local para organizar o espaço urbano da urbe manauara. O que chama atenção são as obras realizadas em várias praças da cidade e que foram responsáveis pela destruição e desfiguração de vários espaços de sociabilidade dos moradores de Manaus.

O poeta Thiago de Mello, membro da elite intelectual da Região Amazônica, apesar de ter nascido no município de Barreirinha, mudou-se ainda na sua infância para a capital do Estado e escreveu sobre a cidade a obra “Manaus – Amor e Memória”, onde rememora vários aspectos da Manaus dos anos 40, 50 e 60. Ao comentar as consequências da crise da economia gomífera para cidade, traça um panorama rápido de como as elites e a população manauara vivenciaram esse período. Traz uma visão nostálgica e romântica do estilo de vida dos habitantes e da Manauspós-borracha, principalmente, das camadas populares. De acordo com Mello,

Os novos-ricos se apavoraram. Os ricos mais sólidos se acautelaram e trataram de abrir novos atalhos para continuar a enriquecer. O povo continuou sendo o povo. A cidade ingressou então no seu largo período de declínio e estagnação. Foi durante esse tempo que eu vivi e convivi com ela, que entrei pelos seus caminhos e penetrei pela sua alma: o tempo em que Manaus pôde ser ela mesma, a viver de si mesma e de afirmar um jeito de ser todo seu – autêntico, simples, gostoso jeito de ser.²⁹

Nas palavras do poeta, Manaus voltou a ser ela mesma, voltou a ser uma cidade cabocla, simples e autêntica. É nessa cidade, que segundo Mello está voltando as suas

²⁸ ANDRADE, Moacir. Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas. Manaus: Humberto Calderaro, 1985, p. 19-20.

²⁹ MELLO, Thiago de. Manaus: amor e memória. Manaus: Editora Valer, 2004, p. 44.

origens culturais caboclas, que as inúmeras categorias de trabalhadores urbanos irão circular, recriar suas organizações sociais e lutar para solucionar suas demandas.

O autor Jefferson Peres, em sua obra “Evocação de Manaus: como a vi ou sonhei”, nos apresenta uma visão da cidade oposta daquela construída durante o apogeu da economia da borracha, agora o que vemos é um discurso que destaca e mostra uma cidade pequena e provinciana segundo a visão do memorialista. Nesse sentido o autor afirma,

Em meados dos anos 40, Manaus era um modesto aglomerado urbano, de pouco mais de 100 mil habitantes, com todas as características de uma típica capital de província. A vida fluía sem pressa e sem sobressaltos, num ritmo ditado pelas condições físicas, econômicas e culturais de uma comunidade pequena, com três décadas de estagnação e obediente a valores tradicionais.³⁰

A Manaus cosmopolita e moderna apresentada no discurso oficial da época áurea da economia da borracha ao analisarmos a fala de Peres, se torna nos anos 1940 uma cidade provinciana, com um ritmo lento e defensora dos seus valores tradicionais. Se fizermos uma análise conjunta com a visão de Mello, a cidade voltou a ser ela mesmo com o retorno de aspectos da cultural local, que a partir da expansão e consolidação da economia gomífera haviam sido substituídos por valores europeus.

Ao descrever o espaço urbano da cidade, Peres nos mostra, que Manaus possuía um espaço urbano bem reduzido, com inúmeros problemas de infraestrutura e sua “área efetivamente urbanizada, com pavimentação e meio-fio, era diminuta. Apenas as avenidas e ruas principais, como a Eduardo Ribeiro, Sete de setembro, Marechal Deodoro e poucas mais tinham calçamentos de paralelepípedos”.³¹

Segundo Peres³², a urbanização da cidade era precária a maioria das ruas não tinha nenhum tipo de calçamento sendo algumas delas intransitáveis, como o trecho entre a Rua Ramos Ferreira com a Rua Joaquim Nabuco, interrompida pelo famoso Buraco do Pinto³³. Ou ainda o cruzamento entre as ruas Leonardo Malcher e Tapajós, onde havia outro imenso buraco.

Porém, é importante destacarmos, que mesmo durante o período de apogeu da economia da borracha, Manaus tinha vários problemas de infraestrutura urbana. Apesar

³⁰ PERES, Jefferson. Evocação de Manaus: como eu a vi e sonhei. Manaus: Editora Valer, 2002, p. 23.

³¹ Idem, ibidem. pp. 29-30.

³² Idem, ibidem. pp.29-30

³³O famoso buraco do pinto, ficava entre as ruas Joaquim Nabuco e Major Gabriel, atualmente nesse lugar foram realizadas obras do PROSAMIM. Comentário nosso.

dos historiadores mais conservadores não analisarem essa problemática, as pesquisas das historiadoras Maria Luiza Ugarte Pinheiro³⁴ e Deusa Costa³⁵ nos mostram o outro lado do fausto da modernidade em Manaus, que só se agravou com a situação de crise econômica. As obras dos memorialistas nos mostram uma cidade que sempre esteve aqui apesar de todo discurso modernizador adotado pelo poder público e pela elite econômica da cidade, a urbe manauara não havia perdido suas heranças culturais mesmo depois de uma experiência urbana que trouxe para região valores da modernidade europeia.

Ao analisarmos os discursos deste período podemos perceber as resistências das camadas marginalizadas e excluídas da população pelas políticas de “organização” e desodorização do espaço urbano da cidade, reforçada desde o apogeu da economia gomífera, principalmente no que tange a questão habitacional.

Assim como na chamada *Belle Époque Manauara*, a questão da moradia configurou-se como um dos problemas enfrentados pelas camadas mais pobres da população, e também pelas autoridades locais. Podemos perceber nas fontes pesquisadas para o momento que estudamos que as camadas populares tiveram que criar seus próprios meios de resistência à tentativa das autoridades de ordenarem seu espaço de convívio cotidiano.

Com relação às habitações de Manaus, que se configuraram um dos problemas da cidade neste período, Peres³⁶ destaca o número elevado de estâncias³⁷, que eram ocupadas por famílias numerosas que viviam em condições precárias, com banheiros coletivos, separadas por tabiques que não permitiam nenhum tipo de privacidade. Nas áreas da periferia não havia ruas calçadas, até mesmos as avenidas principais como Boulevard Amazonas e a Carvalho Leal eram todas esburacadas com as casas e madeira e poucas de alvenaria cobertas com telha de barro e zinco.

³⁴PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1889-1925). Manaus: EDUA, 2003.

³⁵COSTA, Deusa. Quando viver ameaça a ordem urbana – Trabalhadores de Manaus (1890-1915). Manaus: Editora Valer/FAPEAM, 2014.

³⁶PERES, op. cit., pp.33-35.

³⁷ As estâncias eram moradias populares na sua grande maioria feitas de madeira e com dois andares tendo vários quartos, que eram alugadas nos diferentes bairros de Manaus, eram similares as vilas e às quitinetes de hoje – comentário nosso.

O pesquisador André Araújo afirma, que 60% das moradias de Manaus eram de taipa nua³⁸, coberta de zinco ou de palha, de chão batido, localizadas em áreas insalubres, próximas aos igarapés e sem a menor infraestrutura,

O telhado de palha, zinco, de telhas, de cavaco de pau, de pedaços de tábuas; a palhoça sem conforto com cozinha fora; a cozinha com divisão interna, de chão batido ou de assoalho de madeira – tudo isso marca sempre uma evolução, uma marcha de aculturação, como a mobília, os móveis, o espelho na sala, o piano, o “toilette”, a cama, a cadeira de embalo, o móvel de jacarandá, de peroba, de saboarana, bem como, ultimamente, o de vime e o de cipó títica.³⁹

Conforme afirma o autor, havia em Manaus “20.489 casas particulares, 95 casas coletivas. Dessas, eram de alvenaria 6. 524, eram de Madeira 15.714, eram de outros tipos 426. Dessas eram: urbanas – 9.856, suburbanas – 4.986, rural – 7.822”.⁴⁰

Embora neste momento o crescimento econômico da cidade não fosse significativo, os problemas habitacionais, como podemos perceber, foram aumentando com a ocupação de áreas de igarapés, aumento das estâncias e de moradias precárias na parte central da cidade. Eram comuns nos jornais desse período referências a essa situação. O jornal A Crítica de dezembro de 1953, comentava que,

Raro não se vê em Manaus, a estância ou vila alojando quase sempre uma dezena de humildes famílias. Esses pequenos desconfortáveis casebres em que pese os esforços dos inquilinos em melhorá-los em tudo não oferecem o menor conforto e a promiscuidade domina pressurosamente [...]. Manaus está cheia de estâncias. Fervilham em várias ruas da cidade, alastrando-se por todos os pedaços de artérias. A atual Avenida Presidente Vargas (ex- 13 de Maio) está ainda repleta de estâncias, mas observa-se que há construções modernas e de estética avançada [...]. A existência em números alarmantes de cortiços atenta contra uma administração assim como denota grau de desajustamento de um povo.⁴¹

O poeta Thiago de Mello, apesar de reconhecer e admirar a beleza arquitetônica europeia presente em todo o centro de Manaus, resultante do período áureo da economia da borracha, exalta a beleza da legítima arquitetura amazonense que segundo ele nasceu da sabedoria da cultura popular. Conforme Mello, a verdadeira

³⁸ Taipa nua era uma alusão as paredes feitas de barro e terra das casas das camadas mais populares da cidade de Manaus, o termo nua reforça o uso apenas do barro na construção dessas moradias. Comentário nosso.

³⁹ Idem, ibidem, p. 141.

⁴⁰ ARAÚJO, André Vidal de. Sociologia de Manaus: aspectos de sua aculturação. Manaus: Edições Fundação Cultural do Amazonas, 1974, Coleção Pindorama, volume 2, p. 139.

⁴¹ OLIVEIRA, José Aldemir de. Manaus – 1920-1967: A cidade doce e dura em excesso. Manaus: Valer, 2003, p. 79.

arquitetura amazonense é aquela que estava adequada ao clima quente e úmido da nossa região e estava presente “nos bairros, na periferia da cidade que espalha nos barracos de beira de igarapés (...) casas autenticamente amazonenses.”⁴² Segundo o autor, essas moradias foram feitas para atender,

[...] as exigências estéticas intuitivas, mas também para que sirvam da melhor maneira as suas funções de moradia humana, de gente que tem um determinado jeito de viver, ainda que mal versados em matéria teórica de ecologia. São casas simples, quase singelas. Na maioria de madeira, chão de itauba ou sucupira. Portas e janelas admiravelmente bem dispostas, muitas preferindo o frontão só de janelas, deixando lugar adequado para a porta lateral, que se abre sem trancas para as vastas varandas [...].⁴³

A questão da moradia para as camadas populares sempre representou para o poder público uma problemática a ser resolvida. Durante a década de 40 e 50 foram construídos alguns conjuntos habitacionais para atender o funcionalismo público, porém, essa prática não se estendeu para as camadas mais humildes da população, pois eram distribuídos materiais de construção, dentro do contexto do populismo e clientelismo que marcou os governos do período da chamada democracia populista no Brasil.⁴⁴

No jornal o Diário da Tarde há outras referências aos problemas com a estrutura urbana da cidade. No jornal do dia 12/01/1946, na coluna ECOS há uma reclamação dos moradores da Avenida Major Gabriel com relação ao famoso “Buraco do Pinto”⁴⁵

Dois cidadãos trabalhadores que residem à av. Major Gabriel, e que, são obrigados a transitar todos os dias, pela estrada de barro batido no local denominado “buraco do Pinto”, disseram-nos, ontem, que, em virtude das últimas chuvas, a parte mais baixa da referida estrada ficou completamente tomada pelas enxurradas, isso acontecendo devido terem acumulado grande quantidade de lixo, em ambas as margens da mencionada estrada ocasionando o acúmulo de lama e água, o que muito prejudica o livre trânsito pelo local aludido, que diga-se de passagem é de intenso movimento. Os prejudicados, em sua maioria familiares de trabalhadores, que residem naquela zona da cidade, apelam para o sr. Prefeito municipal no intuito desse ordenar a remoção do entulho do “Buraco do Pinto” dando-se vazão as águas e ficarão muito agradecidos.⁴⁶

⁴² MELLO, Thiago de. Manaus: amor e memória. Manaus: Valer, 2004, p. 95.

⁴³ Idem, ibidem, p. 95.

⁴⁴ Para melhores informações sobre a construção de moradias populares na cidade de Manaus, verificar os Jornais Diário da Tarde e Jornal das décadas de 50 e 60 do século XX, que estão disponíveis nos acervos da Biblioteca Pública e da Biblioteca e Museu da Fundação Rede Amazônica.

⁴⁵ O famoso buraco do pinto, ficava entre as ruas Joaquim Nabuco e Major Gabriel, atualmente nesse lugar foram realizadas obras do PROSAMIM. Comentário nosso.

⁴⁶ Diário da Tarde, ano X, n.º 3.156, Sábado, 12 de janeiro de 1946, Coluna Ecos, p. 3.

Como podemos observar, a notícia do jornal o Diário da Tarde nos dá a dimensão do limite dos serviços públicos na cidade durante esse período. Onde os moradores buscavam ajuda nos meios de imprensa para solucionar questões ligadas ao poder público.

Ao analisarmos as citações acima apesar de toda a precariedade vivenciada pelos trabalhadores urbanos, as camadas populares criaram as condições necessárias para manter sua vivência no espaço urbano de Manaus, apesar de toda a crise econômica que assolava a região, os trabalhadores da cidade ocuparam espaços que o poder público e as elites queriam higienizar e organizar desde os tempos áureos da economia gomífera.

A precariedade da infraestrutura urbana da cidade se estendia a todos os serviços públicos falta de rede de esgoto, precariedade na pavimentação das ruas, no calçamento das calçadas, na limpeza pública entre outros. Nesse sentido, outro exemplo do descaso das autoridades locais em relação à estrutura urbana da cidade, se configura em outro noticiário do jornal o Diário da Tarde de janeiro de 1946, que destaca a reclamação de uma comissão de moradores da Rua Duque de Caxias ao prefeito da Manaus, que denuncia

Na Rua Duque de Caxias, próximo a confluência com a Leonardo Malcher, há um barranco que com as últimas e copiosas chuvas, ameaça cair constituindo um perigo para segurança pessoal dos moradores da vizinhança. Na manhã de hoje, veio a nossa redação uma comissão de moradores daquele local, para pedir, por nossa intermediação, que o sr. Prefeito municipal de Manaus, mande examinar urgentemente a situação afim de lhe dar o remédio que reclama.⁴⁷

Na coluna “repórter Gibi – informa” do Jornal Diário da Tarde, é feita uma outra denúncia sobre as condições precárias da infraestrutura da cidade. De acordo com a reportagem os

Moradores do trecho compreendido entre a rua Belém e o Pico das Águas estão reclamando, com justa razão, contra o matagal ali existente, o qual se vem prestando para agasalhar verdadeiras ondas de mosquitos transmissores do paludismo, constituindo, por isso mesmo, grave atentado a saúde de quantos vivem no referido trecho. Para essa irregularidade, certos de sermos atendidos chamamos a atenção das autoridades competentes.⁴⁸

⁴⁷ Diário da Tarde, ano X, n.º 3.161, Manaus, sexta-feira, 18 de janeiro de 1946, Coluna Ecos, p. 3.

⁴⁸ Diário da Tarde, ano XV, n.º 4769, Manaus, segunda-feira, 02 de julho de 1951, reportagem de capa.

Outra reclamação da população era com relação ao sistema de esgoto da Cidade, que já apresentava problemas graves de mal cheiro nos anos 1950. O periódico Folha do Povo em matéria do dia 4 de janeiro de 1950 denuncia o mal cheiro de um bueiro bem no centro da cidade. Conforme a reportagem,

Há muito meses que existe no canto da Barroso com a 24 de maio, uma boca de lobo, de onde exala a mais insurportável fedentina. Quando chove as águas transbordam em enormes turbilhões, conduzindo imundicis e o detrito apodrecidos pelas sargetas a fora. Tal o dilúvio de água enlameada que escapa da referida boca de lobo, que durante muito tempo ninguém pode passar por ali, sem meter um lenço no nariz. As famílias residentes naquele local não suportam mais tanta fedentina, cabendo, por isto, ao prefeito bem como a Saúde Pública tomarem as devidas providências a respeito, afim de ser imediatamente concertada aquela imundíssima boca de lobo.⁴⁹

Outra situação que incomodava os habitantes de Manaus era o descaso das autoridades públicas em relação ao serviço de limpeza da cidade, que segundo algumas reportagens era precária. Vejamos o que nos informa a matéria do Jornal Gazeta do dia 4 de fevereiro de 1949,

As avenidas Taruman e Afonso Pena há dois anos que não recebem o serviço de capinação da Prefeitura Municipal, motivando, esse fato, serias queixas dos moradores daquelas artérias da cidade. Acontece também que na avenida Taruman, além do mategal ali existente, depositaram vários pranchões e táboas, que serviriam para a construção de uma pequena ponte, promessa do prefeito Chaves Ribeiro, porém tudo não passou e o material da Prefeitura Municipal está apodrecendo e sendo carregado, para outros misteres, por várias pessoas. Na avenida Eduardo Ribeiro ponto principal da cidade, no passeio da Drogaria Popular, quase ao chegar à avenida 7 de Setembro, existe um montão de terras e pedras, que tem servido para ocasionar desastres nos transeuntes, como aconteceu ontem, pela manhã, quando uma senhora, que por ali passava descuidada, sofreu violenta queda. Será possível que os fiscais da Prefeitura Municipal de Manaus não tenham olhos para vêr um montão de terras da avenida Eduardo Ribeiro.⁵⁰

Outro problema na infraestrutura urbana que assolava Manaus desde o período provincial era a falta de iluminação pública adequada, nem mesmo no apogeu da economia gomífera a cidade teve um sistema de iluminação pública que atendesse todas as áreas da urbe. Esse problema se estendeu para o período da chamada estagnação econômica. Conforme reportagem de capa intitulada, “Manaus se afunda no infernal mundo de escuridão enquanto o sr. Leopoldo Neves paga espalhafatosas reportagens publicitárias daquilo que não fez, o povo sofre com a falta de luz”, do periódico Folha

⁴⁹ Folha do Povo, ano III, n.º 156, Manaus, quarta-feira, 4 de janeiro de 1950, p. 4.

⁵⁰ A Gazeta, ano I, número 2, Manaus, sexta-feira, 4 de fevereiro de 1949, p. 4.

do Povo de janeiro de 1950 que denunciava a situação de falta de energia da cidade, que nos diz

Por mais que a imprensa reclame contra a péssima iluminação e deficiente fornecimento de energia elétrica à cidade, até agora nenhuma providencia quiz tomar o governador a respeito. Manaus, notadamente nos subúrbios, tem sofrido o mais condenável abandono, transformando-se num inferno de escuridão. Se a lamentável deficiência, neste particular, é coisa que se vem verificando há mais de dois anos, nestes últimos tempos a situação se agravou ainda mais.

Nas horas de maior necessidade iluminação é justamente quando se ressenete o público de sua falta. O sr. Leopoldo Neves, que é homem que tudo promete e nada faz a contento e de acordo com as prementes necessidades do povo, pouca ou mesmo nenhuma atenção tem dado ao assunto, deixando que a cidade com os seus populosos subúrbios se afoguem na mais tremenda escuridão. Enquanto isso, o governador com o sr. Negreiros e outros tantos se banqueteam no Palácio Rio Negro, empanturrando-se de gordos pratos e caras champanhas. É assim que eles querem viver e o povo, a pobreza que leve a breca.⁵¹

Como podemos notar a estrutura urbana e os serviços públicos em Manaus eram muito precários e debilitados, a cidade tinha problemas cruciais que se arrastavam desde o período áureo da borracha e que se agravaram nesse momento, onde as autoridades públicas não haviam ainda resolvido depois de décadas de reclamações populares.

Como podemos observar tanto os memorialistas quanto os jornais da época reafirmam as críticas realizadas a estrutura urbana e habitacional da cidade. Como verificamos agora o discurso do “moderno” dá lugar ao discurso do “atrasado” e do “arcaico”.

Com relação ao processo de ocupação desordenada do espaço urbano de Manaus, com a abertura de novas áreas de periferias, principalmente nas zonas oeste, leste e centro-sul, e a criação de novos bairros, houve a necessidade de ampliação da rede viária e de outros aspectos ligados à infraestrutura urbana, o geógrafo José Aldemir de Oliveira nos informa sobre esse processo de ampliação urbana da cidade

Do ponto de vista da espacialidade urbana, pode ser identificado a ampliação da malha urbana como resultado da necessidade de criar as condições para a circulação. Essa ação foi concretizada com a construção de pontes, arruamentos nos bairros, sendo, entretanto, marcada pela improvisação que visava à resolução de problemas pontuais, não se identificando em nenhum momento a formulação de um projeto urbano.⁵²

⁵¹ Folha do Povo, ano III, n.º: 156, Manaus, quarta-feira, 4 de janeiro de 1950, reportagem de capa.

⁵² OLIVEIRA, José Aldemir de. Manaus de 1920 – 1967: a cidade doce e dura em excesso. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado/EDUA, 2003, p. 64.

Ao observarmos as fontes citadas percebemos que apesar de visões distintas sobre a cidade do período do pós-guerra, ambas acabam contribuindo para a reafirmação do discurso que afirma que na *Belle Époque* como sendo o momento de grandes transformações modernizadoras ocorridas em Manaus. Esse discurso mantém sua força até os dias atuais, pois tanto o poder público municipal quanto o estadual buscam através de suas propagandas ou ações de resgate do centro histórico da cidade exaltar o apogeu da economia de extração e comercialização do látex.

História Cultural, Cidade e Trabalho – Considerações Finais

Dentro deste contexto de construção de representações sobre a cidade de Manaus, destacando, principalmente, a permanente exaltação do período áureo da borracha como o grande momento da modernidade na Amazônia e em nossa cidade, podemos perceber que as representações da *Belle Époque* continuam presentes nos discursos das autoridades públicas e intelectuais locais até os dias atuais.

É dentro desta problemática que o referencial teórico da abordagem da História Cultural poder ser o suporte de análise destas representações, pois, a construção desses discursos sobre a Manaus da borracha e sua continuidade demonstra a valorização dada, principalmente pelos setores da elite manauense ao discurso da modernidade.

A abordagem da História Cultural conforme Pesavento⁵³, com relação ao campo teórico-metodológico estão no centro da historiografia mundial, sendo a “ponta fina” das discussões dos historiadores no final do século XX e início do XXI. Podemos entender que este campo de abordagem é um desdobramento da história social, que representa uma vertente resultante da confluência das Historiografias inglesas e francesas.

Para Pesavento podemos entender a história cultural como sendo:

[...] não como uma “virada de mesa” com relação a pressupostos teórico-metodológicos, mas como uma nova abordagem, ou um novo olhar que se apóia sobre análises já realizadas, e, por sua vez, avança dentro do determinado enfoque. Neste sentido a história cultural realmente vem se somar ao conhecimento acumulado, sem voltar as costas a uma matriz teórica, fruto de uma reflexão cumulativa.⁵⁴

⁵³PESAVENTO, Sandra Jatagy. “Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano”. In.: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 8, n.º 16, 1995.

⁵⁴ Idem, ibidem, p. 279-280.

A análise do social dentro da ótica de suas representações se constitui uma preocupação contemporânea com o advento da crise dos paradigmas. Dentro dessa perspectiva o resgate do urbano a partir de suas representações deve pensar a cidade como um local de acúmulo de simbolismos culturais, onde estas representações se constituem em parte integrante daquilo que entendemos como realidade.

Os estudos sobre a cidade já possuem certo número de pesquisas, principalmente no campo da história econômica-social. Porém, a utilização da abordagem da história cultural nos possibilitará a observação e a compreensão dos discursos e das representações sobre o espaço urbano. Sendo assim, entenderemos a construção do discurso e das representações de Manaus como a “*Paris dos Trópicos*”, durante a o período áureo da borracha e a transformação desse mesmo discurso durante o período da chamada “estagnação econômica” da cidade. Manaus no olhar das autoridades e dos intelectuais locais se tornará uma capital provinciana, onde, além da arquitetura, nada lembrava a metrópole do período de ouro da economia gomífera.

Conforme Pesavento, para a análise da cidade a abordagem da história cultural passou a pesquisar o imaginário urbano, o que implica resgatar discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais. Entende-se como imaginário do urbano:

[...] como todo imaginário, diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações urbanas. Estas se oferecem como um variado campo de investigação para o historiador. Por exemplo, são objetos de uma História Cultural Urbana as formas pelas as quais a cidade foi pensada e classificada ao longo dos tempos, o que poderia lidar com as arquetípicas avaliações da boa e da má cidade.⁵⁵

Dentro dessa perspectiva podemos analisar a cidade a partir dos seus discursos de representações. Assim que as qualificações de perigosa ou segura, limpa ou suja, ordenada ou anárquica, bela ou feia para uma cidade variavam de acordo com os produtores ou consumidores do espaço.⁵⁶

Podemos classificar como “leitores privilegiados” da cidade os fotógrafos, os escritores e pintores, pois possui habilitações culturais, profissionais e estéticas que os

⁵⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 78.

⁵⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano”. In.: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 8, n.º 16, 1995, p. 284.

possibilitam um olhar refinado do espaço urbano. Além deste olhar refinado, outra fonte para os historiadores é a visão dos excluídos, pobres e marginais que se localizam na contramão da ordem estabelecida. Apesar de não terem um olhar aguçado estes atores do espaço urbano criam suas próprias representações da cidade.

É este olhar das camadas populares sobre a cidade que é o desafio para o historiador resgatar. Buscando os cacós, vestígios e as vozes dos excluídos da história. Dentro dessa análise é de fundamental importância o resgate do olhar do morador das estâncias, das áreas periféricas e da cidade flutuante, como estes atores do espaço urbano viam seus ambientes de convivência e como olhavam a cidade.

É utilizando o conceito de “circularidade cultural” que iremos entender as representações da “cidade real vivida” pelos atores do espaço urbano e da “cidade sonhada” pelos produtores do discurso urbanístico. Conforme Pesavento (1995), resgatar as representações coletivas antigas não é julgá-las com a aparelhagem mental do nosso século, mais sim tentar captar as sensibilidades passadas, cruzando aquelas representações entre si e com as práticas sociais correntes.⁵⁷

Revelar as representações a sobre a cidade presentes nos discursos dos profissionais da urbe como médicos, políticos, urbanistas, historiadores, literatos, poetas, policiais, juristas, e nas imagens de fotógrafos, pintores, cineastas e gráficos. Configura-se analisar as várias cidades presentes em uma única cidade.

Além das representações, dos sinais e dos discursos sobre o espaço urbano que se configuram como campo de abordagem para a História cultural, o trabalho dentro de suas contradições, suas formas diversas, seus significados e suas representações no contexto das cidades, também se configuram como objeto de pesquisa para a historiografia atual.

Na busca em dá voz aos excluídos da cidade o trabalhador desse espaço entra em cena como agente de sua própria história. Dentro da perspectiva thompsoniana que abandonou a visão clássica da definição marxista-leninista de classe que procurava identificar as classes pela posição que ocupava junto aos meios de produção.

A cidade propicia maneiras distintas de sobrevivência, pois, morar, viver e trabalhar são possíveis na urbe. Reconstruir essas práticas nas quais os trabalhadores inserem-se e modificam diversos espaços na cidade torna-se, na atual conjuntura da nossa sociedade e da própria historiografia um dos papéis do historiador.

⁵⁷ PESAVENTO. op. cit., p. 287.

Thompson ampliou o conceito de classe, entendendo que a categoria deveria ser analisada a partir de seu fazer-se, no acontecer histórico e na sua experiência. Com isso, Thompson resgatava para o historiador a dimensão do empírico: a pesquisa de arquivo era indispensável, e nesse ponto se abriam não só novos enfoques temáticos como nova documentação.⁵⁸

Dentro dessa problemática, dá voz aos silenciados pela historiografia é um dos papéis do historiador comprometido com a corrente da História Vista de Baixo, trazida por Edward Thompson. A recuperação desses sujeitos como possuidores de um papel ativo no próprio processo por eles vivenciados, não sendo, portanto, meros joguetes nas mãos dos setores dominantes, se configuram um dos objetivos das pesquisas historiográficas atuais.

Na Manaus do período do pós-guerra o quadro dos trabalhadores era bem diversificado haviam as empregadas domésticas, os vendedores ambulantes, as cozinheiras, entregadores, carreteiros, os carvoeiros, estivadores, entregadores de pão, carroceiros, etc., que criaram suas próprias representações do espaço que moravam, trabalhavam e conviviam na cidade. Todos esses atores do espaço urbano ainda estão silenciados pela historiografia regional. É preciso dá voz a estes silenciados da nossa história.

Em suma, a abordagem da história cultural nos possibilita a leitura dos signos da cidade identificando suas representações, nos dando um novo olhar sobre o espaço urbano. Problematizar o imaginário do urbano, buscando suas representações literárias ou pictóricas são funções do historiador. A história cultural se torna, assim, uma representação que procura resgatar as representações do espaço urbano, com a função de construir uma representação sobre o que já foi representado.

Referências

ANDRADE, Moacir. *Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas*. Manaus: Humberto Calderaro, 1985.

ARAÚJO, André Vidal de. *Sociologia de Manaus: aspectos de sua aculturação*. Manaus: Edições Fundação Cultural do Amazonas, 1974, Coleção Pindorama, volume 2.

COSTA, Deusa. *Quando viver ameaça a ordem urbana – Trabalhadores de Manaus (1890-1915)*. Manaus: Editora Valer/FAPEAM, 2014

⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 29.

- DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto (1890-1920)*. Manaus: Valer, 1999.
- MELO, Mário Lacerda de; MOURA, Hélio A. de. *Migrações para Manaus*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco / Editora Massarigana, 1990.
- MELLO, Thiago de. *Manaus: amor e memória*. Manaus: Editora Valer, 2004.
- NORA, Pierre. “Entre Memórias e História: A problemática dos lugares”. *Projeto História*. São Paulo: EDUC, n. 10, 1993.
- OLIVEIRA, José Aldemir de. *Manaus de 1920-1967: A cidade doce e dura em excesso*. Manaus: Editora Valer, 2003.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- PERES, Jefferson. *Evocação de Manaus: como eu a vi e sonhei*. Manaus: Editora Valer, 2002.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- _____. “Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n.16, 1995.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1889-1925)*. Manaus: EDUA, 2003.
- POLLAK, Michael. “Memórias, esquecimento e silêncio”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: volume 2, n.º 3, 1989
- SALAZAR, João Pinheiro. *O abrigo dos Deserdados*. São Paulo: Dissertação de mestrado apresentada na USP, 1985.
- SOUZA, José Leno Barata de. A “Cidade Flutuante” de Manaus: discutindo conceitos. *AEDOS*. v. 3, n. 6, , jan.-jun. 2010.

Recebido em: 20/07/2015
Aprovado em: 12/11/2015